ORAÇÃO FUNEBRE,

RECITADA NAS EXEQUIAS

DA

SENHORA D. MARIA SEGUNDA,

RAINHA DE PORTUGAL;

Que fez celebrar, na Cathedral do Pará, no dia 19 de Janeiro de 1854,

O Illm.º Senr. Fernando Jozé da Silva,

DIGNO CONSUL DA NAÇÃO PORTUGUEZA;

DEDICADA

AO MESMO SENHOR

PELO PADRE

Gaspar de Sequeira e Queiróz,

Bacharel Formado em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Academia d'Olinda, Conego da Sé do Pará, Cavalleiro da Ordem de Christo.

PARÁ.

N13

ORAÇÃO FUNEBRE,

RECITADA NAS EXEQUIAS

DA

SENHORA D. MARIA SEGUNDA,

RAINHA DE PORTUGUAL;

Que fez celebrar, na Cathedral do Pará, no dia 19 de Janeiro de 1854,

O Illm.º Senr. Fernando José da Silva,

DIGNO CONSUL DA NAÇÃO POTUGUEZA;

Dedicada

AO MESMO SENHOR

Pelo Padre

Gaspar de Sequeira e Queiróz,

Bacharel Formado em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Academia d'Olinda, Conego da Sé do Pará, Cavalleiro da Ordem de Christo.

1854—*Typographia de Santos e Filhos,*

PARÁ.

I
N13

Benedixerunt eam omnes unâ voce dicentes:
Tu Gloria Jerusalem, Tu Lætitia Isräel,
Tu Honorificentia populi nostrî.

Judith 25, 10.

Illm.º Senr.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Desejando V. S.ª que fossem celebradas, nesta Capital, com toda a pompa possivel, as Exequias da Senhora D. MARIA 2.ª, de Gloriosa Memoria; e ordenando mesmo aos seus Encarregados, que nao poupassem despezas para que em tudo transluzisse o Amor e Respeito que V. S.ª sempre consagrou a sua Augusta Soberana; muito sorprehendido deveria eu ficar ao receber o seu honroso convite para ser o Orador, despido, como me considero, das habilitaçoes necessarias, e na humilde posiçao em que me acho; se logo nao attingisse com o unico motivo desta, ao meu ver, desacertada escolha. Sem duvida lembrou-se V. S.ª de haver eu cumprido muitas vezes um dever, á que está obrigado qualquer homem, que nao he de falseada organisaçao.---O

2
N13

de salvar a vida do seu semelhante, ainda com risco da propria vida. E' verdade, Ill.mo Snr, que nas commoçoes populares desta Provincia, nesses episodios tragicos, que, como a sombra no mais lindo quadro, sempre apparecem, ainda nas revoluçces tao gloriosas, como a nossa Independencia; é verdade sim que arrisquei muitas vezes a vida para salvar alguns subditos da Naçao Portugueza; mas isso é um dever, cuja transgressao me traria desdouro; e acho-me muito bem pago com a gloria de o haver praticado.

Conseguio pois V. S.a apresentar uma solemnidade tao pomposa, que nao me lembro de ter visto outra deste genero, que a iguale. Todas as primeiras Autoridades comparecerao; luzido concurso; a melhor Muzica; rica deco-

raçao da magnifica Cathedral; a presença do Prelado Diocesano celebrando em Pontifical, com o seu Cabido paramentado; tudo excedeo a geral expectaçao; so o que esteve muito abaixo do mediocre foi o que todos desejavao estivesse muito a cima do sublime--a pobre oraçao que recitei.

Vou agora retribuir-lhe na mesma moeda. Offereço a V. S.ª esta humilde producçao, nao tanto pela Honra que me fez; como por ser V. S.ª um dos Portuguezes, que, sem embargo de já aqui viver com nosco, muito antes da nossa Gloriosa Independencia, nunca se envolveo nos nossos negocios politicos, e sempre, em todas as epochas, gosou da geral estima dos Paraenses, tornan-se por isso mui digno Consul da Naçao Portugueza nesta Provincia. E so me resta o pe-

3
N13

zar de que a offerta nao corresponda a tantos Merecimentos.

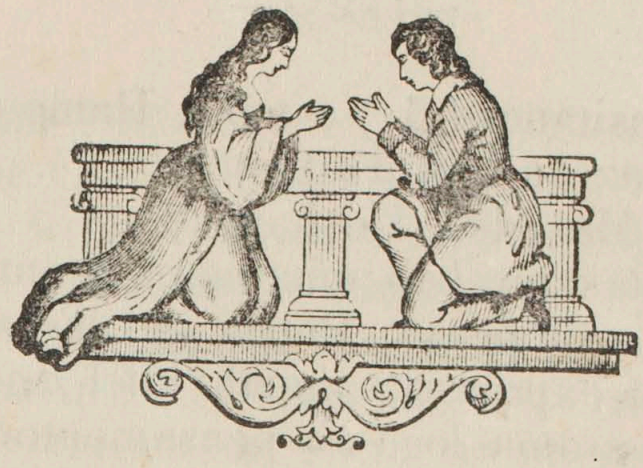
Deos Guarde a V. S.ª Bellem do Pará 19 de Janeiro de 1854 --- Ill.mo Senr. Fernando Jozé da Silva Digno Consul da Nação Portugueza no Pará.

De Vossa Senhoria

Humilde Capellao---

Gaspar de Sequeira e Queiroz.

4
N13



ORAÇÃO FUNEBRE.

Multæ filiæ congregaverunt divitias: Tu supergressa es universas.

Muitas filhas amontoaraõ thesouros de virtudes: Tu a todas excedeste.

Prov. 31. 29.

Como despertou hoje o dia taõ anuviado de tristezas! Os bronzes gemendo das torres! . . . Um lucto taõ rigoroso! . . . Nos semblantes de todos a mais viva expressão da magoa e do sentimento! . . . Taõ funebre, taõ luctuoso apparato! . . . Um tumulo todo banhado de lagrimas! . . . Os Levitas do Senhor, entre o vestîbulo e o altar, entoando lugubres canções! . . Para qualquer parte que eu volva os olhos, tudo me annuncia que acabamos de soffrer uma grande perda, sem talvez atinar-se com o objecto de uma scena taõ pungente e dolorosa! . . . Mas quando eu vejo duas grandes Nações, os Lusitanos e os Brasileiros, taõ afflictos pela perda de um mortal . . . confundindo suas lagrimas por um só e mesmo objecto . . . Isto é expressivo de mais! Morreo sem duvida Aquella, que era como o laço d' amor entre elles, e que mais estreitamente os unia! . . . Aquella, que os Brasileiros en-

4
N13

tregaraõ aos Lusitanos (1) como o Ramo d' oliveira, o Symbolo da paz, a Iris d'alliança ! . . . A Irmã dos Brasileiros, a Mãi dos Lusitanos ! . . . Aquella, que de seus Subditos recebeo uma coroa e um Throno: mas deo-lhes, em recompensa, Patria e Liberdade !

Ao ver taõ expressivo signal, infelizmente o Nome de Maria 2.ª assoma logo ao pensamento ! Morreo sim a SENHORA D. MARIA 2.ª, Irmã do nosso Augusto Imperador, Rainha de Portugal ! . . . Morreo a Mulher Forte, que os Divinos Oraculos julgaõ quase impossivel existir sobre a terra ! Oh ! como apprecia-la ! Se o desempenho dos deveres domesticos de uma bôa mãi de familia é sufficiente, para que o Espirito Santo lhe enderesse taõ sublime elogio, comparando-a com essas raras maravilhas, que chegaõ das extremidades da terra; parece que só o conceito, que tomei por thema, é proporcionado para Aquella que, além de ser a mais Obediente das filhas, a mais Amante das esposas, a mais Carinhosa das mãis, foi sobre tudo Mãi de um Povo inteiro, a quem livrou da tyrannia, e a quem deò a Liberdade. *Multæ filiæ congregaverunt divitias: Tu supergressa es universas.*

Qual naõ deve ser pois a nossa dôr, vendo cahir aos golpes da inexoravel morte uma Princeza, que era o Idolo de duas Naçõeş irmãs e amigas, e a Admiração dos Estrangeiros ! Ainda na primavera da vida, quando todos lhe futuravaõ longos annos, é de repente ceifada, como a rosa, que por descuido cahe debaixo da fouce do cegador ! Oh ! E nada mais nos resta, senaõ tornar util e proveitosa a nossa dôr, colhendo no jardim das suas virtudes as flores mais mimosas para espalharmos sobre seu tumulo, e confundindo com os funebres canticos da Igreja os seus bem merecidos Louvores, na fé de que saõ Bemaventurados os que morrem no Senhor, (2) e de que os Justos naõ mor-

rem, vivem na eternidade. *Justi in æternum vivent.* (3)

Naõ espereis pois que eu vos falle hoje segundo os preceitos da arte: estando o coraçāo penalizado, naõ é preciso a imaginação commovida. Fallaõ mais alto que minha débil voz as Lagrimas de um Esposo, (4) que n' Ella perdeo a Companheira Virtuosa, que o tornava nobre e respeitado entre os Magnates da Nação: (5) os Gemidos de seus Filhinhos, que levantando as mãos para os Céos, chamaõ-lhe Bôa Mãi, e Bemaventurada: (6) as Saudades em fim de um Povo inteiro que, aquí mesmo de taõ longe, Lhe consagraõ este sincero Tributo do seu Amor e Gratidaõ. E sem procurar figuras tocantes, estylo sublime, na desordem em que se acha o meu espirito, taõ attenuado pelo embate de tanta magoa e tanta dôr, sem poder atinar com as flores e matizes da eloquencia, cercado de cyprestes e de quanto inspira tristeza, poderei apenas apresentar-vos um tosco desenho d'essas sublimes Virtudes, que Ella possuio em gráo taõ eminente, e que pôz em acção para nosso exemplo, e para felicidade de seu Povo. Tal é o Objecto do meu discurso.

Com tudo, eu bem sei Snr.^{s} que para uma empreza taõ sublime naõ bastavaõ todos os adornos da eloquencia; e se a tomei sobre os meus debeis hombros, foi contando com a vossa indulgencia, e que, no excesso de tanta magoa e tanta dôr, naõ attenderieis aos meus defeitos. Porem, se os mais lindos ornamentos de um Panegyrico saõ as côres da verdade; talvez eu consiga satisfazer a vossa expectação; porque aquí naõ entrará a menor sombra da lizonja. Espero que continueis a honrar-me com as vossas piedosas attenções.

Se é taõ difficil encontrar sobre a terra uma mulher forte, porisso que a sua posiçaõ é mais melindrosa que a flor, que ao mais leve tóque se desfolha e

5
N13

morre; é mais pura que o crystal, que ao mais ligeiro sôpro se embacia; o seu elogio deve ser tambem uma das emprezas mais difficeis da Oratoria. E note-se que a mulher forte, de quem o mais Sabio dos reis traça o desenho, naõ passa de uma bôa mãi de familia, empregada no governo de sua casa, em tratar de seus domesticos, em agradar ao seu esposo. Que será, Senr.^{s}, urdir o Panegyrico de uma Princeza, cujos destinos, apezar da curta ampulheta de seus dias, estaõ intimamente ligados aos de um Heróe, que por entre os immarcesciveis louros, que lh' adornaõ a fronte, traz engastado o pomposo titulo de Libertador de duas Nações? De um Heróe, que, com ufanía sem igual, abdicou duas riquissimas corôas, para pugnar como soldado nas fileiras da Liberdade? Entrarei em taõ ardua empreza, invocando segunda vez a vossa indulgencia.

Nasceo a Senhora D. Maria da Gloria, de uma das mais Illustres Familias da Europa, no dia 4 de Abril de 1819. A ditosa Cidade do Rio de Janeiro, Séde entaõ da Monarchia, foi quem vio florescer sobre seus tenros labios seu primeiro sorriso. Semelhante á purpurea rosa que, antes de desabrochar e diffundir seus preciosos aromas; antes que a delicada mão da Natureza nos descubra o bello carmim de suas folhas, e ella ostente toda a sua belleza e formosura, primeiramente a mesma Natureza a circunda de agudos espinhos, que a defendaõ, como se receasse o tóque da impureza: assim quiz a Providencia, em um tempo, em que a Religião e a Moral tanto se resentiaõ ainda das affrontas do passado seculo, quiz sim que seus Augustos Pais fossem dotados de summa piedade, para que, desde o berço, vigiassem os passos e a educação d' Aquella, que parecendo ter nascido para Imperatriz do Brasil, (7) tinha de ser Rainha de Portugal.

Permitti-me, Senhores, que eu ao menos ligeira-

mente toque nessas risonhas e melancolicas scenas, que se representaraõ em Portugal e no Brasil, durante a sua infancia: ellas daráõ toda a luz ao quadro que pertendo apresentar-vos. Portugal sacode o jugo da tyrannia, e arvora na Heroica Cidade do Porto, e em todo o Reino, o pavilhaõ da Liberdade (8). O Monarcha entaõ reinante (9), deixa a terra de Santa Cruz, e volta ao seu paiz natal, para naõ ficar inteiramente excluido do Governo. O Senhor D. Pedro, Pai da Augusta Rainha, hoje Objecto das nossas lagrimas, fica no Brasil, como Lugar Tenente do Monarcha. Por esse tempo o amor da Independencia, derramando-se por toda a America, como uma torrente que rompeo seus diques, infiltra-se no animo dos Brasileiros que, pondo á sua frente o magnanimo Principe que os governa, fazem troar na Serra Ipyranga o espantoso grito de—*Independencia ou Morte*. (10)

Com o nascimento da Independencia no Brasil, morre a Constituição em Portugal, e a monarchia reassume os seus antigos direitos. Mas outros fados estavaõ destinados a Portugal, e pouco tempo sobrevive o Monarcha a este golpe d'estado (11). Com sua morte accumula o Snr. D. Pedro duas corôas sobre a fronte; e ao receber o sceptro de Portugal, (12) d'elle só faz uso para restituir a Liberdade aos Portuguezes, e dar um Throno a sua Filha Primogenita, cujas Exequias hoje celebramos. (13)

Continuarei ainda este interessante quadro, apresentando primeiro as suas escuras e tenebrosas sombras, para dar ao depois maior realce a essas magnificas scenas, que encheraõ d'assombro o Mundo inteiro. Acclamado Imperador do Brasil, marcha o Snr. D. Pedro 1º em soccorro de Monte Video, na margem oriental do Rio da Prata: o Anjo da Victoria abandona os seus soldados, e foge para o lado contrario. Muito peior golpe

6
N13

ainda lhe traspassa o coração:—morre, em sua ausencia na Côrte, a tão idolatrada Imperatriz (14), Mãi da excelsa Rainha, cuja perda deploramos. Começão então as injustas murmurações daquelles, que ambicionavaõ o poder. D. Pedro, querendo o seu throno baseado no amor de seus subditos, e não na força, corre á Minas a sondar os animos: os Mineiros o recebem com o maior enthusiasmo; porem é forçado a voltar logo á Côrte, a ver se ainda póde livrar o Brasil do abysmo, em que inexperto queria precipitar-se. As conspirações tomavão mais incremento: conhece visivelmente que as sympathias desse Povo illudido hião cada vez mais esfriando; que o fogo electrico das Proclamações do Ipyranga ja não fazem echo no peito da ingratidão; e que a sua Estrella se vai sensivelmente anuviando para surgir mais brilhante n'outro hemispherio.

Os negocios da Rainha em Portugal não apresentavão melhor caracter. O Principe, a quem fora confiada a Regencia do Reino, com promessa de dar-lhe a mão d'esposo, trahindo o juramento que prestara, tinha-se acclamado rei absoluto. (15) A tão monstruoso attentado só se oppõe a Heroica Cidade do Porto. Baldados esforços! Portugal, nesse tempo, ainda suspirava pelos nauseativos manjares do Egypto: e os Moysés, os Josués, os Calebs, e outros enthusiastas da Liberdade, difficilmente salvaraõ as vidas, refugiando-se primeiramente na Hespanha, depois na Inglaterra, e por fim na Heroica Ilha Terceira. (16)

Estão preparados todos os elementos para uma grande explosão. O Imperador parece estar tranquillo em S. Christovão; mas um grande Imperio, um grande Reino occupão sua grande Alma. Os insurgidos fremem armados no campo de Sant'Anna, procurando pretextos para o rompimento. Era alta noite, quando um arauto chega ao Imperador, e lhe propõe pela ultima vez, da parte de

seus chefes, a demissão do Ministerio actual, e o restabelecimento do anterior. Então o Snr. D. Pedro, não querendo que por seu amor se derramasse uma só gôtta do sangue brasileiro; e julgando opportuno pôr em practica o projecto, que a muito tempo lhe revolvia n'alma; entregou-lhe o Acto da Abdicação por Elle mesmo redigido, dizendo-lhe estas admiraveis palavras, que bem revelaõ a magnanimidade do seu Coração: Eis a unica resposta digna de mim: Abdico a coroa, deixo o Imperio e um Povo, a quem tanto amo; sede felizes na vossa terra (17).

Quem poderá descrever a consternação que, á essa hora, se derramou no Paço imperial! O Principe, em quem foi abdicado o imperio, dorme tranquillo no seu berço: quanta grandeza, quanta fraqueza, representadas por uma creança! Uma coroa, um brinco! Um Throno, um berço! (18) A essa mesma hora embarca com sua Familia (19), como se fosse um proscripto, Aquelle que nos deo a Independencia e a Constituição! Embarca sim; porem a Paz, cobrindo o rosto com a corôa d'oliveira, que lhe cinge a fronte, tambem fóge, e vai occultar-se nas brenhas do Ipyranga, até que suba ao Throno o Joven Filho do Heróe da Independencia (20)

No dia 13 d'Abril, dia infausto e de lagrimas para os bons Brasileiros, passão em frente do Pão d' Assucar, e sahem barra fora, a Joven Rainha, cuja morte hoje lamentamos; essa famosa Judith, armada por Deos, para destruir os planos do soberbo Holophernes; essa nova Esther, que dirigida pelo sabio e valente Mardocheo, vai libertar o seu Povo. N'outra embarcação vai seu Augusto Pai, o chefe de um exercito, que ainda ha-de ser recrutado entre os leaes Lusitanos! Nas mãos da Joven Rainha vão como enserrados os fados de toda a Lusitania, d'ella separada por um oceano de duas mil legoas! (21).

7
N13

Passão pela soberba Albion, chegão á risonha París. Ahi é forçoso separarem-se: A Rainha e a Familia imperial ficão no palacio de Meudon: o Duque de Bragança com os poucos Portuguezes, que poude reunir, vão demandar as Ilhas dos Açores. Que scena tão tocante a sua despedida! Nascida no paiz das Amazonas, onde as donzellas e esposas costumão acompanhar á guerra seus pais e seus esposos, (22) bem deseja a Joven Rainha pôr-se á frente desse punhado d' homens, a quem é confiada tamanha Empreza; e só por obediencia desiste de tão heroica pertenção. Ella ahi fica religiosamente guardada como o paladio dos Troyanos, não digo bem, como a Arca d' Alliança, que determinava a victoria em favor d'aquelles, que a tinhão de seu lado. Fica sim; mas abrasada no santo desejo de estancar o innocente sangue, que corria na desditosa Lusitania, cinge a espada ao lado de seu Augusto Pai, e entrega-lhe a Bandeira, que bordára com suas proprias mãos, para mais enthusiasmar o Exercito Libertador.

Era agora que eu desejava ter esse sal acrysolado, com que condimentão seus escriptos esses Genios sublimes, essas Aguias lusitanas, que hoje tem embocado a trombeta da Fama para elevar até ao Templo da Immortalidade o Nome do Invicto Pai da Nossa Defuncta Heroína. Queria descrever com as côres mais vivas da eloquencia a Alegria, que brilhou na Heroica Ilha Terceira, quando ahi tremulou altivo o Pavilhão da Rainha: (23) queria descrever o empenho com que todos trabalhão nos aprestos da viagem: aquí se reunem para traçar o plano da guerra; ali são nomeados os Chefes, os Generaes, os Almirantes da aventureira Expedição. E' o pequeno David, que vai combater com o gigante Goliath; (24) mas o Chefe desta pequena Força é um Imperador, experimentado na arte da guerra; seus Generaes são todos Fidalgos da primeira plana, que milita-

raõ na guerra da Peninsula; seus Soldados levão todos no coraçāo o sagrado fogo do Amor da Patria. (25)

Que bello Dia aquelle, em que avistão terras de Portugal! (26) Como é doce voltar á cara Patria, tornar a ver os amigos da infancia! Vamos agora entrar no mais interessante episodio da Historia lusitana.

Chegão, desembarcão nas praias d'Arnosa; e desde logo o Anjo da Victoria estabelece seu campo entre os Bravos da Rainha. Cada um sustenta o seu posto: em quanto a Rainha, em París, envia ao Céo as mais ardentes supplicas, para que sejão libertados seus Subditos sem a menor effusão de sangue (27); luta seu Augusto Pai, no Porto, com as maiores difficuldades; mas considerando a sua missão, como um verdadeiro sacerdocio, ninguem o vio nunca vacillar: parecia emfim tudo perdido, e o proprio D. Pedro communicou a sua Soberana, que *só por um Milagre poderia obter a victoria.* Mas a Causa da Rainha era justa; Deos pugnava á sua frente; nem se pode explicar d'outro modo a caprixosa defeza do Convento da Serra do Pilar! Que? Snrs.! Tantos mil soldados, fornecidos de tudo, não podem aproximar-se de um punhado de homens morrendo de fome! E tremem, e fogem, e cahem mortos aos milhares, sem ver-se quem os persegue! Oh meu Deos! Eras tu sem duvida quem os exterminava! Aceita, Senhor, as nossas graças pela maviosa harpa de David: *Cadent á latere tuo mille, et decem millia á dextris tuis: ad te autem non appropinquabit* (28) Na verdade, o ***CERCO DO PORTO*** era bem digno de um Poema, e daria aos Camões, Homeros, e Virgilios, mais nobre e grandioso Assumpto.

Desejando resumir, quanto seja possivel, a commemoração destes gloriosos acontecimentos, com os quaes está tão perfeitamente entrelaçada a Vida da nossa Defuncta Heroína, que sería impossivel prescindi-los, sem que se

8
NB

resentisse a verdade, apenas acrescentarei: que Deos ouvio emfim as supplicas daquelles, que combatião por uma Causa tão justa, e appareceraõ inesperadamente todos os soccorros necessarios. (29)

Nada mais falta: já lá penetrão no Algarve dous Grandes Homens: um habil General (30), e um experimentado Almirante (31). Com uma pequena esquadrilha dão abordagem á Soberba Esquadra dos perjuros, e a conduzem prizioneira! Porem o que não entra muito na ordem das conjecturas, é como esses dous temerarios Guerreiros se atreveraõ, dahi a poucos dias, a transpôr o Tejo, e penetrar em Lisboa! Sem duvida mandou Deos, em auxilio da Rainha, aquelle Anjo que, em uma só noite, destruio o poderosissimo exercito do soberbo Sennacherib. (32) Nem sei como mais se possa explicar o panico terror, que se apoderou de toda essa gente;como a desordem se introduzio em suas fileiras; como fugiraõ todos, trepidando de temor, quando nada havia que temer; verificando-se contra elles a sentença do Profeta Rei contra os impios. *Dominum non invocaverunt: Illic trepidaverunt timore, ubi non erat timor* (33) Tanta bravura só acha parallelo, ou em Alexandre apontando ás suas phalanges, nos confins da India, o vulto do agigantado Porus na margem opposta do Hydaspe, encravado no meio de um sem numero d' enormes elephantes; (34) ou entre esses bravos Lacedemonios que obstinados morreraõ, com as armas nas mãos, no estreito das Termopylas! (35) Ou VENCER, OU MORRER.

Fez-se o Milagre! (Escreve D. Pedro á sua Soberana): vinde saborear de perto as emoçõeS sublimes da victoria: vinde ouvir os ultimos arrancos do canhão perjuro.

Naõ é facil descrever o jubilo de toda a Lusitania ao ver desembarcar, em Lisboa, a sua Joven Rainha; e ao ouvir-lhe a doce voz, quando deo Vivas á

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Carta Constitucional, e pedio Perdão para os Vencídos. (36)

Com sua chegada, mais alentos tomaõ ainda seus Soldados, e as subsequentes victorias, especialmente a da Asseiceira, acabaõ de sangrar no coração a causa contraria, que fugindo expavorida de Santarem e das Provincias do Norte, foi exhalar em Evora o seu ultimo suspiro. (37) Acabou, morreo a Tyramnia! A guerra vai fechar suas portas: a Justiça vai abrir o seu templo. *Justitia et Pax osculatæ sunt.* (38)

Já bastante saturada d'infortunios a Alma da Filha de D. Pedro, ainda lhe faltava receber o maior de todos os golpes—a Morte de seu Augusto Pai, que lhe deo um Reino, conquistado com seu sangue! Os grandes desgostos por que passou este Principe, o Heróe do seu seculo, abreviaraõ-lhe a existencia. Taõ mal apreciado de seus Subditos, a unica consolação, que leva deste mundo é ter visto no Throno do Brasil Hum de seus Filhos, e a Outra no Throno de Portugal, pouco antes da sua morte. Morreo sim; mas seu Nome será lembrado com saudade no Brasil, em Portugal, e no Mundo inteiro, em quanto a Honra, o Patriotismo, e Gratidaõ, for o timbre dos Brazileiros, dos Lusitanos, e em fim da Humanidade. (39)

Eis no Solio de seus Augustos Antecessores a primeira Rainha Constitucional. (40) Ei-la dirigindo o timaõ do Estado, sem a influencia do grande Astro, que até entaõ o vivificára. Dizei-me agora, Illustre e Nobre Auditorio: Commetteo Ella falta alguma, que a torne menos digna do glorioso conceito que tomei por assumpto? Deixou Ella de fazer cumprir, e cumprir Ella mesma, as Leis do Estado? Naõ respeitou sempre a seu Augusto Pai, com um culto quase divino? Naõ soffreo Ella, por duas vezes o exilio, no paiz extrangeiro, offerecendo-se, como em holocausto, por seus Subditos?

9
N13

Naõ soffreo a morte de seu primeiro Esposo, (41) e todos os revezes da fortuna, com uma resignação verdadeiramente evangelica ? Naõ amou, como devia, a seu segundo Esposo, que hoje se acha na Regencia do Reino ? Naõ educou seus Filhos segundo as maximas do Evangelho ? Naõ foi Mãi carinhosa de todo esse grande Povo, que hoje se derrama em lagrimas pela sua morte ? Quem ousará levantar a voz contra essa Mulher Forte, cujas acções todas eraõ reguladas pelo santo temor de Deos ? *Timebat Dominum valdè, et non erat qui loqueretur de eâ verbum malum* (42).

Anjo da morte, que desferiste o fatal golpe sobre esta innocente Victima, por quem hoje derramamos tantas lagrimas ! Já que uma debil voz naõ póde chegar, onde chega a Natureza; apodera-te do meu espirito; derrama o negro fumo da tristeza sobre o meu coraçãõ; espreme sobre elle as negras tintas da saudade ! E depois de o teres bastante penalizado, inspira-me, dizeme: o que é que se passou no real aposento, quando levantaste a certeira fouce para feri-la ? Que palavras sagradas foraõ essas, com que Ella recommendou seus Subditos e seus Filhos a seu Esposo, quando o abraçou pela ultima vez ? Porque naõ consentiste que Ella abençoasse e désse um ultimo beijo a seus Filhos, especialmente ao Herdeiro presumptivo da coroa ? Inexoravel, céga, implacavel mortê ! Naõ te contentaste com roubar-lhe esse ultimo abençoado Fructo (43) da sua fecundidade; quizeste roubar-nos Mãi e Filho ! Pobre Princeza ! Victima de mil infortunios ! Raquel, a infeliz Raquel teve uma morte semelhante, é verdade; mas ao menos teve o ineffavel prazer de beijar seu filho, e pôr-lhe um nome ! Ainda conservava os vitaes alentos, quando lhe affirmaraõ que ella ainda teria aquelle filho: *Noli timere, quia et hunc habebis filium* (44).

Mas que digo ! Poderia temer a Morte Quem sem-

pre trilhou o caminho da virtude ? Naõ, certamente. Aquella, que em tudo se portou como uma Mulher Forte, como uma Heroina, naõ podia ser vencida pela Morte ! Ella a encarou impavida e risonha, considerando-a, naõ como uma Furia dos Infernos, mas como um Anjo do Senhor, que vem cortar-lhe as prizões da carne, para a conduzir á Immortalidade. E poderemos nós duvidar dos piedosos sentimentos, que a animavaõ, quando exhalou seu derradeiro suspiro ? Oh ! Se a Morte a sôrprehendesse; se Ella sahisse das delicias da Côrte, para apresentar-se d' improviso ante os umbraes da eternidade; poderiamos ao menos vacillar sobre o acolhimento, que lhe faria a Justiça Divina. Mas Ella teve tempo de preparar-se: além de uma conducta sempre illibada e irreprehensivel, já previamente lhe havia prognosticado a Sciencia que um de seus Successos talvez Lhe fosse fatal. Dahi essa viagem pelas Provincias: dahi as esmolas que, com mais profusaõ, destribuio pelos pobres: dahi os grandes donativos que fez aos estabelecimentos de Caridade. Sempre foi caridosa; mas desde entaõ, como se se despedisse dos pobres, a sua caridade não teve limites. Nem lhe faltaraõ os Sacramentos da Igreja; nem quem lhe apontasse para o Céo de Affonso, e a exhortasse a morrer na Fé de seus Augustos Progenitores. Tudo nos affiança que, apenas sua Alma se desprendeo de seu corpo, foi logo levada pelos Anjos á ditosa mansão dos Justos.

Acompanhemos agora, em espirito, seu pomposo funeral. Que Povo immenso trajando pesado lucto ! Essas ruas do transito, outr'ora alcatifadas de flores, agrupadas de um grande Povo, cheio de enthusiasmo, dando Vivas a sua Rainha triunfante . . . Essas janellas adornadas com as mais lindas e variegadas côres, apinhadas de Senhoras de todas as classes, impacientes por verem a Princeza do Brasil, que já era sua Rai-

10
N13

nha . . Essas Musicas Marciaes tocando os bellos Hymnos do Grande Pedro . . Todos esses signaes de jubilo variados até o infinito . . . . Oh! Como tudo mudou de repente! Como tudo emudeceo diante da Morte. Mas como era idolatrada por todos os seus Subditos! Até os proprios Partidos, semelhantes ás linhas de um triangulo, (apartadas na base, reunidas no vertice,) até os proprios Partidos, tão divididos, tão extremados em suas opiniões politicas, neste momento de crise social, ensarilhaõ as armas, dão as mãos, e ficaõ amigos emquanto vão levar ao sepulcro Aquella que foi sua Rainha, e mais que tudo, sua Mãi.

Já chegaõ ao Templo de S. Vicente; já concluem os Officios Divinos; são cinco horas da tarde. E' a hora, em que o coração olhando para o fim do dia, e lembrando-se tambem do fim da vida, mais facilmente se entristece. Ao entrar o regio Cadaver no jazigo de seus Maiores, parece-me ouvir soar a trombeta de Jozaphat, e ver levantar-se de seus sarcophagos todos os Reis e Rainhas que a precederaõ, sahir-Lhe ao encontro, e interroga-La, antes que ali Lhe concedaõ um asyllo tão honroso. Rompe o silencio seu Augusto Pai: Dize-me, Filha querida, fizeste observar, e observaste Tu mesma a Carta Constitucional, que Te entreguei para fazeres a felicidade dos nossos Lusitanos ? Continuaste a perdoar aos Vencidos ? — E' interrompido por uma Rainha, cujo semblante apresenta o typo da virtude e santidade: Foste, pergunta Ella, foste como eu fui a Mai dos teus Subditos ?— Adianta-se logo um Ancião mui respeitavel pela bondade de seu coração e pelos seus sentimentos religiosos: Cumpriste, pergunta Elle, cumpriste os santos deveres da Religião ? Educaste teus filhos no santo temor de Deos, segundo as maximas do Evangelho ?—E os teus Subditos (perguntaõ todos) ficaraõ satisfeitos com o teu governo ? A prova, res-

ponde Ella, a prova da minha Fidelidade como Rainha, como Filha, como Esposa, e como Mãi, ahi a tendes: Todos pranteaõ a minha morte, como se fosse uma calamidade publica. Diz, e caminhando com magestoso passo, se vai para sempre deitar entre os que governaraõ a famosa Lusitania.

Que resta mais, Senhores? Mostrar-vos que no mundo tudo passa e foge como o fumo? Que todos somos iguaes diante da Morte? Que dentro em poucos annos nenhum de nós ha de existir? Aquelle Tumulo, que ali vedes; aquelle Portico por onde se passa para a eternidade, é muito mais eloquente que tudo quanto possa dizer-vos: igual sorte nos espera. Se hoje o tufaõ da morte, penetrando no magnifico Palacio dos Reis, despedaçou um Throno, e arrojou uma corôa no sepulcro; hoje mesmo pode penetrar na humilde choupana do pobre, e causar maior estrago! Cahindo no fundo da fatal ampulheta o ultimo grão dos nossos dias, está tudo acabado para o mundo. Meditemos estas verdades, e aprendamos a ser justos. *Memorare novissima tua: in æternum non peccabis* (45).

Nada mais nos cumpre agora, senão supplicar a Deos, para que lhe dê a Luz eterna. Oh! Que occasião tão opportuna para lhe darmos a prova, que Ella mais pode desejar, do nosso amor e dedicação! Descei já do vosso solio, Digno Pontifice Paraense: vinde, novo Aarão com os Levitas do Senhor, vinde aquí confundir com as nossas as vossas lagrimas. Vinde sim; e usando do Supremo poder, que vos foi dado,—de abrir e fechar as portas do Empyrio, empunhai o thuribulo; perfumai o seu Tumulo; fazei subir ao Céo, com o odorifero vapor do incenso, nossas Orações ungidas e divinizadas com o sangue do Cordeiro Immaculado, que acabais de sacrificar pela sua Salvação: Oremos, Meus Irmãos, por Aquella que foi a Honra do Brasil, a Glo-

11
N13

ria de Portugal, e, para o mundo inteiro, o Modelo de todas as virtudes. Oremos por Ella; e o coração de nosso Pai Celestial não poderá deixar de render-se ás nossas lagrimas e ás nossas supplicas; tambem Ella pedirá a Deos por nós; pois, se no mundo foi Ella tão compassiva; não poderá deixar de o ser no Céo, onde essas puras e dôces affeicções, longe de extinguir-se, mais se augmentaõ. (46) Oremos por ella; e o Supremo Juiz dos vivos e dos mortos, ou fazendo-Lhe justiça, ou usando da sua paternal Clemencia, ha de permittir, que Aquella que, no mundo, de Gloria teve o Nome; e que só para fazer bem usou das Glorias do mundo, vá viver e reinar com Elle na eterna Gloria. Amen.

FIM.

Notas.

(1) *Logo depois do falecimento do Sr. D. Joaõ* 6.°, *sendo a Senhora D. MARIA DA GLORIA nomeada Rainha, por haver seu Augusto Pai n'ella abdicado a Corôa de Portugal; foi ella mandada para a Europa, em companhia do* Marquez de Barbacena, *como em refens das suas sinceras intenções. Depois da perfidia de seu Tio, tornou a recolher-se ao Rio de Janeiro.*

(2) Beati mortui, qui in Domino moriuntur. *Apoc.* 14. 13.

(3) *Sapient.* 5. 26.

(4) *O Senr. D.* Fernando Augusto, *Principe de Saxe Cobourg-Gotha, casou-se com a Sr.ª D. Maria 2.ª em 9 de Abril de* 1836. *Este Principe é geralmente amado em Portugal, como se vê nos Jornaes, especialmente os publicados nos dias proximos ao falecimento da Rainha. O REI ARTISTA, chama-lhe o Sr. A. F. de Castilho, uma das mais sublimes Pennas de Portugal, em um excellente Art. da Revista, de* 11 *de Novembro de* 1841, 147. *A historia o descreverá (diz elle) honesto, fiel, religioso; bom parente, bom marido, bom pai; sabio, estudioso; incançavel no ancear o bem, simples nos gostos e costumes; soccorredor de infelizes, esforçador de engenhos; e completo Allemaõ, completo Portuguez n'um só individuo." A gravura em cobre, e o desenho saõ suas artes favoritas: seus quadros saõ os Retratos de sua Familia, paizagens &.*

Dissereis (continua o Snr. Castilho) que o espirito de Gessner, em recompensa de haver feito amar a virtude, fôra mandado renascer, sempre allemaõ, para se gozar della sobre o Throno, e por seu poderoso exemplo recommendal-a.

Em o n.° 13, *de* 16 *de Novembro de* 1843, *é digno de ler-se o Art.* 2314. *Trata da visita que fez S. Magestade á Academia das bellas Artes, para ver o bello quadro da fugida de Eneas, em que estava occupado o traductor de Rafael, o Snr.* Antonio Manoel da Fonseca.

(5) Mulieris bonæ beatus Vir. Eccles. 26. 1.—Nobilis in portis Vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. *Prov.* 31. 23.

(6) Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt. Prov. 31. 28.

(7) *A Snr.ª* D. Maria da Gloria *nasceo no dia* 4 *d'Abril de* 1819, *e foi considerada Herdeira presumptiva da corôa do Brasil até o nascimento do Snr. D. Pedro* 2.° *no dia* 2 *de Dezembro de* 1825. *Seus Augustos Pais o Snr. D. Pe-*

12
N13

dro, depois Imperador do Brasil, e a Snr.ª D. Maria Leopoldina Jozefa Carolina, 1.ª Imperatriz do Brasil.

(8) *No dia 24 d'Agosto de 1820 acclamou-se a Constituiçaõ na Cidade do Porto, em Portugal.*

(9) *O Snr. D. Joaõ 6.°*

(10) *Foi acclamada a Independencia do Brasil no dia 7 de Setembro de 1822.*

(11) *Morreo o Snr. D. Joaõ 6.° no dia 10 de Março de 1826.*

(12, 13) *29 d'Abril, e 2 de Maio de 1826.*

(14) *Falleceo na côrte do Rio de Janeiro a Imperatriz D. MARIA LEOPOLDINA JOZEFA CAROLINA, filha do Imperador Francisco 1.°, no dia 11 de Dezembro de 1826, achando-se seu Esposo no Rio da Prata, em soccorro de Monte Vidéo. Tinha-se casado por Procuraçaõ em 13 de Março de 1817; e chegou ao Rio em 5 de Novembro.*

(15) *Abdicando o Sr. D. Pedro a corôa de Portugal, impozera duas condições: o* Juramento *da Carta constitucional, e o* Cazamento *da Joven Rainha com seu Tio* D. Miguel. *A primeira não exigia muito tempo para cumprir-se, mas a segunda exigia uns poucos d'annos, pois a promettida Esposa apenas contava 7 annos d'idade. Começaraõ logo as intrigas para que D. Miguel governasse como regente. Poderosas Nações da Europa fizeraõ ver ao Abdicante, entre outras razões, que* não era muito liquido o seu direito de legitimidade. *Bem conhecia o Imperador os seus direitos, como legitimo successor de seu Augusto Pai, direitos que ninguem lhe poude nunca negar; mas vendo-se como em um tôrno de fogo, entre as pontas deste dilemma, teve de escolher a menos aguçada; e no dia 13 de Julho de 1827 assignou no Rio de Janeiro o Decreto, que nomeava ao Infante D. Miguel Lugar Tenente d'ElRei D. Pedro 4.°, e em seu nome Regente de Portugal: e em 22 de Fevereiro de 1828 entrou aquelle principe a barra de Lisboa vindo de Vienna d'Austria onde residia, e ultimamente de Londres.*

(16) *A revoluçaõ do Porto começou em 16 de Maio de 1828.*

(17) *A Abdicaçaõ teve lugar na noite de 7 d'Abril de 1831.*

(18) *Estas quatro palavras foraõ copiadas da Despedida da Imperatriz Amelia, que o Padre Mestre Gama inserio em suas Lições de Eloquencia, como modelo do Estylo sublime: a qual aqui transcrevo para lhe dar mais publicidade:*

Despedida da Imperatriz Amelia ao Menino Imperador adormecido.

" A Deos, Menino querido, delicias de minha alma, alegria dos meus olhos, Filho que meu coraçaõ tinha adoptado! A Deos para sempre, A Deos.

Oh! Quanto és formoso neste teu repouso! Meus olhos chorosos naõ se podem fartar de te contemplar! A magestade d'huma corôa, a debilidade da infancia, a innocencia dos Anjos cingem tua engraçadissima frente de hum resplandor mysterioso, que fascina a mente.

Eis o espectaculo mais tocante, que a terra pode offerecer. Quanta grandeza, quanta fraqueza a humanidade encerra, representadas por uma criança! Huma Corôa, e um brinco, um Throno, e um berço!

A purpura ainda naõ serve senaõ para estofo; e aquelle, que commanda exercitos, e rege um Imperio, carece de todos os desvelos de uma Mãi!

Ah! querido Menino, se eu fosse tua verdadeira Mãi, se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder valeria para me separar de ti, nenhuma fôrça te arrancaria de meus braços. Prostrada aos pés d'aquelles mesmos, que abandonaraõ meu Esposo, eu lhes diria entre lagrimas: " Naõ vedes mais em mim a Imperatriz; mas uma Mãi desesperada. Permitti, que eu vigie vosso Thesouro. Vós o quereis seguro, e bem tratado; e quem o haverá de guardar, e cuidar com maior devoçaõ? Se naõ posso ficar a titulo de Mãi, eu serei sua criada, ou sua escrava!!" Mas tu, Anjo d'innocencia, e formosura, naõ me pertences, senaõ pelo amor, que dediquei a teu Augusto Pai: um dever sagrado me obriga acompanha-lo no seu exilio atravez dos mares, e de terras estranhas! A Deos pois para sempre, A Deos.

Mãis Brasileiras! Vós, que sois meigas, e afagadoras dos vossos filhinhos á par das rôlas dos vossos bosques, e das beija-flôres das campinas floridas, suppri minhas vezes; adoptai o Orphaõ Coroado, dai-lhe todas um lugar na vossa familia, e no vosso coraçaõ.

Ornai o seu leito com as folhas do arbusto constitucional! Embalsamai-o com as mais ricas flores da vossa eterna primavera! Entrançai o jasmin, a baunilha, a rosa, a angelica, o cinamomo para coroar a mimosa testa, quando o

13
N13

pezado Diadema a tiver machucado.

Alimentai-o com a ambrozia das mais saborosas fructas, a atta, o ananaz, a canna meliflua: acalentai-o á suave entoada das vossas maviosas Modinhas. Afugentai longe de seu berço as aves de rapina, a subtil vibora, as crueis jararacas, e tambem os vis aduladores, que envenenaõ o ar, que se respira nas Côrtes.

Se a maldade, e a traiçaõ lhe prepararem ciladas, vós mesmas armai em sua defeza vossos esposos com a espada, o mosquete, e a bayonneta.

Ensinai á sua voz terna as palavras de misericordia, que consolaõ o infortunio, as palavras de patriotismo, que exaltaõ as almas generosas, e de vez em quando, susurrai a seu ouvido o nome de sua Mãi de adopção.

Mãis Brasileiras, eu vos confio este preciosissimo Penhor da felicidade do vosso paiz, e do vosso povo. . . . . Eu vo-lo entrego: agora sinto minhas lagrimas correr com menor amargura.

Ei-lo adormecido, Brasileiras! Eu vos conjuro, que o não acordeis, antes que me retire. A boquinha molhada de meu pranto ri-se á semelhança do botaõ de rosa ensopado com o orvalho matutino. Elle se ri, e o Pai, e a Mãi o abandonão para sempre.

A Deos, Orphaõ Imperador, victima da tua grandeza, antes que a saibas conhecer. A Deos, Anjo d'innocencia, e formosura. A Deos! Toma este beijo, e este.... e este ultimo A Deos! Para sempre! A Deos! "

(19) *O Imperador com sua Esposa D. AMELIA AUGUSTA NAPOLEAO, Filha do Principe* Eugenio Beauharnais *e da Princeza* Augusta, *filha* de Maximiliano Jozé, *Rei de Baviera, embarcaraõ na corveta ingleza* Volage. *A Rainha de Portugal foi hospedada no navio francez* La Seine.

(20) *O Snr. D. Pedro 2.° subio ao Throno no dia* 23 *de Julho de* 1840.

(21) *Mui bem lhe cabe o bello dito do Poeta Latino, em honra da rainha de Carthago:* Dux fœmina fati.

(22) *Em fins de Setembro de* 1825, *descendo eu o* Rio Madeira *com* o Snr. Francisco Firmino Pinto; *uma tarde, seriaõ* 4 *horas, ouvimos ao longe o pavoroso estrondo de mais de* 50

Turês (*grandes trombetas dos gentios*). *Ao dobrarmos a ponta do Rio descobrimos muitas canoas, que atravessavaõ da nossa esquerda para a direita. Era o Tuxawa* Thomé, *principal dos* Mundrucús, *que subia o* Madeira *com perto de* 300 *homens para hir bater os* Parentintins: *levavaõ suas mulheres e filhas para lhes ministrarem as frexas na occasiaõ do combate. Sendo eu Missionario em Maués, no Amazonas,* 200 *legoas distante da Capital do Pará, de* 1826 *a* 29, *observei que os Mundrucús tinhaõ o mesmo costume de hirem á guerra com suas familias; e consta-me que o tem por toda a parte.*

(23) *No dia* 28 *de Fevereiro de* 1832 *chegou o Snr. D. Pedro ao Archipélago dos Açores, e tomou a regencia do Reino em nome de sua Filha.*

(24) *As fôrças da Rainha compunhaõ-se de* 2 *Fragatas,* 1 *Corveta,* 2 *Brigues,* 4 *Escunas,* 50 *Transportes, e* 7:500 *homens capazes de pegar em armas. E esta migalha de gente hia bater-se com* 79:525 *infantes, e* 3:791 *soldados de Cavallaria: e o mais é, que os venceo!*

(25) *Quem naõ desejará ser eloquente? Só quem naõ souber o que é Eloquencia. A S. Gregorio Nazianzeno naõ se lhe dava que os pagaõs lhe tirassem tudo, uma vez que o naõ podiaõ privar da eloquencia:*

Je vous abandonne tout le reste, dit-il, en s'adressant aux päiens, les richesses, la naissance, la gloire, l'autorité et tout les biens dici-bas, dont le charme s'evanouit comme un songe; mais me saisis de l'eloquence, et je ne regrette pas les travaux, et les voyages sur terre et sur mer que je entrepris pour l'acquérir. (*Villeman, Melang. Tom.* 3.°)

E S. Joaõ Chrysostomo queixava-se de que houvesse mais concurso para ouvi-lo, que para as preces publicas!

(Chrysostomi opera. Tom. II. passim.)

(26) *No dia* 8 *de Julho de* 1832 *desembarcou o Snr. D.* Pedro *com os Bravos, que o acompanharaõ, nas praias* d'Arnosa, *e naõ do* Mindello, *como falsamente se tem dito.*

(27) *O Snr. D. Pedro, e quasi todos que o cercavaõ, estavaõ persuadidos que, apenas pozesse pé em terra o Exercito libertador, o partido contrario se lhe reuniria no mesmo instante; e andaraõ nesta persuasaõ muito tempo. Com tudo, eu creio que o temor, de que o Snr. D. Pedro naõ podesse vencer, foi o que deo causa a essa resistencia. A Alça-*

14
N13

da fazia tremer!

(28) *Psalm.* 90. 7.

(29) *O Snr.* Conde de Farrobo *mandou ao Snr. Duque de Bragança uma avultada somma, sufficiente para remediar taõ grande mal: O Snr. Conde de Farrobo é mui conhecido em toda a parte pela generosidade de sua alma, e por seus principios liberaes.*

Tambem se foi reunir ás fôrças da Rainha um mui habil General Portuguez, o Snr. Marquez de Saldanha, *a quem muito deve a Causa da Rainha*

Porem o que mais animou ao Exercito Libertador foi a chegada do Snr. Duque de Palmella *com* 600 *homens, e um habil Chefe para a Esquadra, o Snr. Almirante* Carlos Napier, *que em breve tempo justificou a escolha que delle fizeraõ, segundo se explica o Jornal, donde colhemos estes apontamentos.*

(30) *O Snr.* Duque da Terceira, *o Braço direito do Snr. Duque de Bragança, é sempre lembrado, com saudade, nesta Provincia do Pará, onde foi General com o Titulo de Conde de Villa--Flor. Foi um dos primeiros que se reuniraõ na Ilha Terceira, em favor da Rainha; e ahi teve por collegas, na Regencia do Reino, os Snrs.* Marquez de Palmella e Guerreiro. *Foi elle o Commandante em chefe do Exercito Libertador. Se o Imperador seguisse seus prudentes conselhos, dentro de poucos dias entraria triunfante em Lisbôa. Foi elle que com* 2:500 *homens, ajudado pelo Almirante* C. Napier, *tomou a Esquadra dos perjuros nas aguas do Algarve: a esquadrilha da Rainha compunha- se das seguintes embarcações: Fragata* Rainha de Portugal: *Almirante* ... 46—*Fragata* D. Pedro, *anteriormente Wellington* .. 48.—*Fragata* D. Maria... 42.—*Corveta* Portuense ... 18.—*Brigue* Villa-Flor ... 16.—*Escuna* Faro ... 6.= *Peças d'Artilheria* 176. *A Esquadra do Sr. D. Miguel: Náo D.* Joaõ 6.°... 80.—*Náo* Rainha... 76—Martim de Freitas ... 48.—*Fragata* Princeza Real ... 56—*Cutter* ... —Izabel Maria ... 24.—*Brigue* Tejo ... 20—*Corveta* Princeza Real ... 22.—*Brigue* Audaz .. 20.—*Corveta* Cybelle ... 26—*Peças d'Artilheria* 372. (C. Nap. Hist. da Succes.) *No dia* 23 *de Julho appareceo o Snr.* Duque da Terceira, *d'improviso, em frente de Lisboa com* 1:500 *homens; e no dia* 24 *entrou triunfante nessa Capital, o centro das forças dos seus adversarios.*

No dia 25, (*diz o Jornal citado*) *uma espada já victoriosa, e á qual o destino reservava brilhantes corôas* (*do Snr.* Marquez de Saldanha) *despedaça junto ás trincheiras do Porto o bastaõ de um marechal de França, e murcha os louros do vencedor d'Argel,* (*o* Conde Bourmont).

(31) *Carlos Napier.*

(32) *Paralip. Liv.* 2. *Cap.* 32. 21.

(33) *Psalm.* 13. 9.

(34) *Plutarco. Quinto Curc. Dicc. Hist. Goldismith, History of the Greece.*

(35) *Herodot. Strab. Liv. Corn. Nep. Dicc. Hist.*

(36) *No dia* 23 *de Setembro desembarcou a Snr.ª D. MARIA* 2.ª *em Lisboa. A Imperatriz* (*diz o cit. C. Nap*) *é de uma estatura acima de mediana, bella, aprazivel e agradavel no ultimo ponto; naõ é altiva, ainda que conhece perfeitamente a sua Alta Jerarchia; effectivamente é uma Senhora completa. A Rainha é linda, tem o rosto nitido e bello; é de estatura pouco mais de mediana, e de bastante* embonpoint; *tem perto de* 15 *annos, muito precatada, gosta do retiro, e fallou pouco: ambas fallaõ o Inglez &.*

(37) *No dia* 27 *de Maio de* 1834 *terminou a guerra fratricida.*

(38) *Psalm.* 84. 11.

(39) *Falleceo o Snr. D. PEDRO* 4.º *Imperador do Brasil, Duque de Bragança, no infausto dia* 24 *de Setembro de* 1834.

(40) *No dia* 18 *de Setembro de* 1834 *foi a Senr.ª D. MARIA* 2.ª *declarada* Maior *pelas Côrtes, e começou a governar.*

(41) *Seu primeiro Esposo, o Principe* Augusto, *Duque de Leuchtemberg, faleceo a* 28 *de Março de* 1835.

(42) *Judith.* 8.

(43) *Foi extrahido morto o Infante, de cujo parto falleceo a Snr.ª D. MARIA* 2.ª*; mas consta que ainda se baptizára.*

(44) *Genes.* 35. 17.

(45) *Eccles.* 7. 40.

(46) *Mens quippe lapsis quæ superstes artubus*
De stirpe durat cœliti,
Sensus necesse simul et affectus suos
Teneat æque ut vitam suam:

15
N13

Et ut mori, sic oblivisci non capit,
Perenne vivax et memor.
(*Sancti Paulini, Opera, t.* 11, *p.* 37.)

Que contraste com o que dizia Voltaire a Piron: Quando eu morrer, vou ahi para qualquer campo, (*Eo rus*) e está tudo acabado! *Dizia o contrario do que sentia.*

Feci quod potui, faciant majora potentes.

Fim.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
20
MAR.
41
Nº DE REG. 2.659

Pará 1853.
Typografia de Santos & Filhos.

N13

N13